

MÉDIO ORIENTE

“Eixo da resistência” promete vingar morte de Haniyeh

RESPOSTA Líder político do Hamas foi morto num bombardeamento em Teerão um dia depois de o chefe militar do Hezbollah ter sido alvo de outro ataque em Beirute. Comunidade internacional apela à “contenção”.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

O Hamas anunciou ontem a morte do seu líder político Ismail Haniyeh num bombardeamento em Teerão, acusando Israel deste “ato covarde” e prometendo que “não ficará sem resposta”. A morte de Haniyeh surge um dia depois de as Forças de Defesa de Israel (IDF, na sigla em inglês) matarem o líder militar do Hezbollah, Fuad Shukur, num outro ataque em Beirute – uma morte só confirmada oficialmente ontem pelo grupo xiita libanês.

Dois golpes ao chamado “eixo

de resistência”, liderado pelo Irão, que também disse que não vai ficar de braços cruzados com a morte de Haniyeh em Teerão. O líder supremo Ali Khamenei considera que “a vingança” é um “dever”. Já o novo presidente iraniano, Masoud Pezeshkian, a cuja tomada de posse Haniyeh assistiu antes de ser morto, prometeu que Israel se vai “arrender” desta morte “covarde”.

O primeiro-ministro israelita, Benjamin Netanyahu, congratulou-se com os “golpes esmagadores” contra os “inimigos de Israel”, apesar de ter mencionado numa

declaração televisiva apenas a morte de Shukur – oficialmente, Israel não admitiu a responsabilidade pela morte de Haniyeh.

Shukur é apontado pelos israelitas como o responsável pelo ataque que matou 12 crianças nos Montes Golã, no domingo. O líder do Hezbollah, Hassan Nasrallah, deverá fazer hoje uma rara declaração pública, após o funeral.

Netanyahu disse ainda estar preparado para “qualquer cenário”, admitindo que vêm aí “dias desafiantes” e deixando claro que “exigirá um preço elevado por

qualquer agressão” contra o país.

Quando Israel bombardeou o consulado iraniano em Damasco, em abril, matando vários membros dos Guardas da Revolução, Teerão respondeu lançando *drones* e mísseis contra Israel – o primeiro ataque direto do género, que foi na sua maioria intercedido pela defesa aérea israelita e pelos Aliados Ocidentais. Um cenário que se poderá repetir, com Khamenei alegadamente a dar essa ordem após uma reunião de emergência do seu Conselho de Segurança Nacional.

O aumento da tensão regional faz soar os alarmes internacionais. “Estes anúncios nas últimas 24, 48 horas certamente não ajudam a baixar a temperatura”, disse o conselheiro de Segurança Nacional da Casa Branca, John Kirby, dizendo que os EUA estão “obviamente preocupados com a escalada” da situação. Contudo, consideram que essa escalada não é nem “inevitável”, nem “imminente”. Mas, ao mesmo tempo, a Administração desaconselha as viagens para o Líbano.

O secretário-geral das Nações

Protesto no Irão após a morte do líder político do Hamas, num ataque em Teerão.



● Outros alvos-chave desde o início da guerra

SAYED RAZI MOUSAVI

O general iraniano do corpo de elite Força Quds, dos Guardas da Revolução, que servia de conselheiro na Síria, foi morto num ataque com *drones* nos arredores de Damasco a 25 de dezembro do ano passado. O Irão culpou Israel por este ataque.

SALEH AL-AROURI

O número dois do Gabinete Político do Hamas e um dos membros fundadores das Brigadas Al-Qassam, o braço armado do grupo palestino, foi morto a 2 de janeiro num ataque com *drones* contra um prédio nos subúrbios de Beirute, no Líbano.

MOHAMMAD REZA ZAHEDI

O comandante da Força Quds no Líbano e na Síria, figura de destaque dentro dos Guardas da Revolução, foi morto num ataque israelita ao consulado iraniano em Damasco, a 1 de abril deste ano. No mesmo ataque foi morto o seu braço direito, Mohammad Hadi

Hajriahimi, e outros cinco oficiais. Em retaliação, o Irão lançou centenas de *drones* e mísseis balísticos contra Israel a partir do seu território (foi a primeira vez que tal aconteceu) a 13 de abril, com os israelitas a responder atacando o sistema de defesa aéreo iraniano uma semana mais tarde.

MOHAMMED DEIF

O líder das Brigadas Al-Qassam, o braço militar do Hamas, foi alvo de um ataque aéreo no dia 13 de junho na cidade de Khan Yunis, em Gaza. No ataque morreram 90 pessoas, incluindo um dos seus mais próximos colaboradores, Rafa Salama, mas Deif terá sobrevivido.

ID: 112415938

01-08-2024



EPA / ABEON / BAHENEH NURET

entre Israel e o Líbano em 2000, onde têm sido diárias as trocas de tiros desde o início da guerra em Gaza. O Conselho de Segurança das Nações Unidas reuniu ontem de emergência para discutir a situação no Médio Oriente.

E agora?

Haniyeh, que tinha 62 anos, foi primeiro-ministro palestino entre 2006 e 2007. O Hamas venceu as Eleições Legislativas, mas a tensão com a Fatah de Mahmud Abbas acabou em guerra civil, com Haniyeh a passar a controlar apenas a Faixa de Gaza enquanto a Cisjordânia continuou nas mãos da Autoridade Palestiniana. Israel respondeu com o bloqueio ao enclave palestino.

Em 2017, Haniyeh foi eleito líder político do Hamas – era considerado uma voz moderada –, sucedendo a Khaled Meshal. Este surge agora como favorito a recuperar esse cargo. Apesar do choque, o golpe para o Hamas pode ser de curta duração. Outros líderes do grupo terrorista foram mortos no passado, incluindo o histórico Ahmad Yassin, em março de 2000, sem que isso tivesse destruído o Hamas.

A morte de Haniyeh, que vivia no exílio, deverá pôr um ponto final às negociações para um cessar-fogo em Gaza, já de si difíceis. Segundo o investigador Hugh Lovatt, do *think tank* Conselho Europeu de Relações Exteriores, era a liderança política que estava a pressionar Yahya Sinwar, o líder do Hamas na Faixa de Gaza, a aceitar o cessar-fogo.

A resposta do Hamas, tal como a resposta do Hezbollah, dependerá sempre daquilo que o Irão – que apoia ambos os grupos – estiver disposto a arriscar. Os analistas acreditam que Teerão não tem interesse numa guerra aberta com Israel, mas poderá ser forçado a responder.

susana.fsalvador@dn.pt

Unidas, António Guterres, mostrou-se alarmado com o que aconteceu em Beirute e Teerão. "Os ataques representam uma escalada perigosa, numa altura em que todos os esforços deveriam conduzir a um cessar-fogo em Gaza, à libertação dos reféns israelitas, a um aumento maciço da ajuda humanitária aos palestinos em Gaza e ao regresso à calma no Líbano e na Linha Azul", indicou o porta-voz do português, Stéphane Dujarric.

A Linha Azul é a linha de demarcação estabelecida pela ONU

FUAD SUKR

O chefe militar do Hezbollah estava no edifício em Beirute que foi alvo de um bombardeamento das forças israelitas na terça-feira. Israel garante que fora o responsável pelo ataque contra Majdal Shams, nos Montes Golã ocupados, que matou 12

crianças. O Hezbollah, que nega a autoria desse ataque, admitiu só ontem a sua morte.

ISMAIL HANIYEH O líder político do Hamas morreu num ataque em Teerão, atribuído pelo Irão e pelo grupo terrorista palestino a Israel. Os israelitas não comentam.

Maria João Tomás. "Basta uma fagulha e o barril explode. E estamos ao ponto de o barril explodir"

TENSÃO A professora do ISCTE, especialista em Médio Oriente, fala ao DN do cenário que se coloca com a morte do líder político do Hamas. E das consequências regionais e não só.

ENTREVISTA **SUSANA SALVADOR**

Que impacto pode a morte de Ismail Haniyeh ter para a guerra em Gaza e as negociações para um eventual cessar-fogo?

As negociações estão completamente paradas neste momento, suspensas. Agora resta saber o que vai acontecer. Qual vai ser a retaliação. Porque o novo presidente do Irão, Masoud Pezeshkian, já veio dizer que "a República Islâmica do Irão irá defender o seu território, a sua integridade, a sua honra, a sua dignidade e o seu orgulho". E fazer com que os "terroristas ocupantes", isto é, Israel, "lamentem o que fizeram".

Podemos ter um novo ataque do Irão a Israel como já aconteceu depois do ataque ao consulado iraniano em Damasco?

Podemos. Podemos vir a ter um conflito direto entre os dois, entre Israel e o Irão. Todas as ações agora vão ter que ser muito bem medidas, todas as atitudes, todas as palavras. Porque basta uma fagulha e o barril explode. E estamos ao ponto de o barril explodir. E é um barril muito grande que está em cima de um paiol de armamento. Podemos ter uma situação quase global.

Como assim?

De um lado temos o Hamas, o Hezbollah, no Líbano, que é ajudado pelo Irão. Foi o Irão que o montou em 1982. Depois, atrás do Irão, como sabemos, vêm os protetores. E aqueles que neste momento estão a beneficiar também da ajuda do Irão na guerra da Ucrânia, que é a Rússia. Para já isto pode escalar a nível regional, mas com implicações de uma *proxy war* de grandes potências.

Porquê?

Estas coisas não são nada por acaso. Se olharmos bem e ouvirmos bem aquilo que [Benjamin] Netanyahu disse... ele foi muito claro. Ele foi a Washington buscar o apoio incondicional dos EUA a



"Se o Hamas não responder, se o Hezbollah não responder, se o Irão não responder, acho que isto pode passar. Se eles ficassem quietos, eu sei que é difícil, mas era uma resposta à medida. Porque assim calava Israel, que está com sede de guerra."

Maria João Tomás
Professora do ISCTE

Israel, acontecesse o que acontecesse. E depois a ideia de que é preciso combater o Irão, quase acabar com o Irão, combater o regime dos *ayotollahs*. Como se isso fosse possível... Portanto Netanyahu foi muito claro em Washington. Eu não sei há quanto tempo estava a ser planeado, mas que Netanyahu foi buscar todos estes apoios um dia ou dois antes, é um facto.

Dizia-se que este novo presidente do Irão queria uma nova abertura com o Ocidente e dialogar...

Depois disto que aconteceu acho difícil. Vai ter de haver muita moderação. Itamar Ben-Gvir, que é o ministro das Finanças israelita, de extrema-direita, dos que apela à violência contra os árabes, já

disse que era preciso fazer uma incursão no Líbano, uma invasão terrestre no Líbano. Isso é o que está em cima da mesa.

Mas o Hezbollah não é o Hamas... tem meios muito superiores e vai obrigar Israel, por muito poderio militar que tenha, a dividir atenções ainda mais do que agora, ainda para mais se o Irão também entrar.

Neste momento, as incursões em Gaza estão paradas. A questão está em que nós não sabemos o que aconteceu à maior parte dos militantes do Hamas. Porque a maior parte dos mortos que nós vemos são mulheres e crianças. Nós sabemos que o Hamas utiliza as pessoas como escudos humanos. E usa mulheres e crianças, porque precisa dos homens para combater quando for a altura. Ora nós vimos muitos homens a morrer, mas vimos mais mulheres e crianças. Então onde é que estão os homens? Não me admiraria que o Hamas, que conseguiu juntar uma série de facções e de grupos terroristas para atacar Israel... a pergunta é o que estão a fazer...

E se estão a planear algo com o chamado "eixo da resistência..." Agora seria o momento certo para o fazer... Mas não sabemos. Os EUA apoiam totalmente Israel, mas o que pode o resto da comunidade internacional fazer para tentar evitar esse cenário?

Diplomacia, diplomacia e diplomacia. Se o Hamas não responder, se o Hezbollah não responder, se o Irão não responder, acho que isto pode passar. Se eles ficassem quietos, eu sei que é difícil, mas era uma resposta à medida. Porque assim calava Israel, que está com sede de guerra. Israel tem sempre o mesmo *modus operandi*. Israel provoca, as pessoas respondem, mas Israel tem direito à resposta e à defesa.

susana.fsalvador@dn.pt

ID: 112415938

01-08-2024

